

Anexo 1

Texto 1

A motivação pragmática

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do aqui/ agora do indivíduo, e o aqui/agora constitui o foco de atenção dele dentro da realidade da vida cotidiana. Essa realidade é vivida por ele em graus variáveis de aproximação e distância, tanto temporal quanto espacialmente. A mais próxima é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à sua manipulação corporal – o mundo ao seu alcance, o mundo em que ele atua a fim de lhe modificar a realidade, o mundo em que ele trabalha e vive; é nesse mundo que a sua consciência é dominada pela *motivação pragmática*, isto é, pelo “aglomerado de significados diretamente relacionados a ações presentes ou futuras” (P. Berger e T. Luckmann). A atenção do indivíduo a esse mundo é predominantemente determinada por aquilo que ele está fazendo, fez ou planeja fazer nele.

Masa Nomura, *Linguagem funcional e literatura*.
São Paulo, Annablume, 1993, p. 23.

Anexo 1

Texto 2

A modalidade escrita da comunicação cotidiana

As formas escritas da comunicação cotidiana sofrem um processo de padronização, resultante do fenômeno de acumulação de tipificações dos atos verbais em situações comunicativas típicas. Entre as formas escritas com tendência para a padronização de sua estrutura textual contam-se as seguintes: cartas comerciais, receitas médicas, receitas culinárias, cardápios, bulas de remédio, instruções para uso de produtos comercializados, horóscopos, boletins meteorológicos, catálogos, anúncios e classificados, cartazes de rua, folhetos, avisos, comunicados, panfletos – enfim, toda a gama de formas escritas de comunicação com que diariamente nos defrontamos, seja através dos órgãos da mídia, seja através de manifestações textuais diretamente relacionadas com algum aspecto pragmático de nossa vida cotidiana. Essa parte da comunicação cotidiana, de difícil caracterização – uma vez que nela fluem elementos da comunicação especializada, ligada a grupos organizados privados ou a instituições públicas –, manifesta-se em exemplares de tipologias textuais, aqui denominadas *textos do cotidiano* ou *textos de uso corrente*.

Masa Nomura, *op. cit.*, p. 38.

Texto 3

Essas ações, movidas por razões eminentemente pragmáticas, determinam o emprego de uma linguagem que pode ser chamada de “linguagem cotidiana”.

Idem, *ibidem*.

Anexo 1

Texto 4

Bem sabemos que graves são os problemas oriundos do domínio básico e instrumental, principalmente da língua escrita, que o aluno deveria ter adquirido no Ensino Fundamental. Como resolvê-los? O diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações, entretanto as finalidades devem visar a um saber lingüístico amplo, tendo a comunicação como base das ações. (PCNEM, 138)

Texto 5

Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa-de-força incompreensível. (PCNEM, p. 137)

Texto 6

Como armar um presépio

Pegar uma paisagem qualquer
cortar todas as árvores e transformá-las em papel de imprensa
enviar para o matadouro mais próximo todos os animais
retirar da terra o petróleo ferro urânio que possa
eventualmente conter e fabricar carros tanques aviões
mísseis nucleares cujos morticínios hão de ser noticiados com destaque
despejar os detritos industriais nos rios e lagos
exterminar com herbicida ou napalm os últimos traços de vegetação
evacuar a população sobrevivente para as fábricas e cortiços da cidade
depois de reduzir assim a paisagem à medida do homem
erguer um estábulo com restos de madeira
cobri-lo de chapas enferrujadas e esperar
esperar que algum boi doente algum burro fugido
algum carneiro sem dono venha nele esconder-se
esperar que venha ajoelhar-se diante dele algum velho
pastor que ainda acredite no milagreesperar esperar
quem sabe um dia não nasce ali uma criança e a vida recomeça?

Anexo 2

ÍNDICE

OPINIÃO	A2 e A3	Motor	D4
Erramos	A3	Painel FC	D2
Painel do Leitor	A3	ILUSTRADA.....	E1 a E10
Tend.-Debates	A3	Astrologia	E9
BRASIL	A4 a A10	Cinema	Esp.4
Painel	A4	Cruzadas	E9
MUNDO	A1 1 a A13	José Simão	E9
Multimídia	A12	Mônica Bergamo	E2
CIÊNCIA	A14	Quadrinhos	E9
DINHEIRO.....	81 a 812	Televisão	ES
Câmbio	R8	FOLHINHA	F1 a F8
Falências	810	Brincadeiras	F7
Mercados	B8 a B11	Esta edição tem	
Op. Econômica	B2	100 Páginas	
Painel S.A.	82	Incluem 8 de Folhinha; 4	
COTIDIANOC1 a C8	de Acontece; 32 de	
Atmosfera	C2	Classificados (não circu-	
Mortes	C4	lam no DF)	
ESPORTED1 a D6	443.246 exemplares	
José Geraldo Couto	D5		

www.folha.com.br

Anexo 3

Texto 1

Seu irmão, que mora em outro país, escreveu-lhe uma carta em que, entre outros assuntos, revela-se impressionado pela limpeza das ruas da cidade onde reside, e fez comentários desabonadores a respeito da sujeira que costumava enfrentar em São Paulo. Responda à carta e comente seu desagrado com relação ao comentário de seu irmão.

Texto 2

Uma das propostas de redação no vestibular da Unicamp, em 1998, tinha o seguinte teor:

1. Trazia a transcrição de um artigo, escrito por um empresário. Nesse artigo, intitulado "Até quando, São Paulo?", o autor refere-se ao que ele denomina "a imundície que campeia na cidade de São Paulo".

2. A proposta de redação foi esta:

"A partir da leitura e da sua reflexão sobre os implícitos, e imaginando que você discorda do articulista, escreva-lhe uma carta, na forma de um texto argumentativo, na qual você exponha as razões de sua discordância."

Anexo 4

Texto 1

Linguagem funcional e literatura

[...] o mundo cotidiano e a linguagem cotidiana fornecem uma determinada matéria-prima para outros campos da cultura: para as instituições, para as ciências e as técnicas, para a literatura. Esses campos da cultura, por seu lado, fornecem de volta ao domínio da vida cotidiana conteúdos relevantes do domínio da norma – a ética, a moral, a ordem social, o direito e os costumes – de forma já elaborada, densa, específica. Esses conceitos, que têm sua origem no mundo cotidiano e na linguagem cotidiana, transformaram-se em instrumentos culturais, com o objetivo de dominar a complexidade da organização social humana.

Masa Nomura, *op. cit.*, pp. 23-5 (grifo nosso).

Texto 2

Fragmento do Código Civil Brasileiro

TÍTULO II – DOS ATOS ILÍCITOS

Art. 159. Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência, ou imprudência, violar direito, ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano.

A verificação da culpa e a avaliação da responsabilidade regulam-se pelo disposto neste Código, arts. 1.518 a 1.532 e 1.537 a 1.553.

Art. 160. Não constituem atos ilícitos:

I – os praticados em legítima defesa ou no exercício regular de um direito reconhecido;

II – a deterioração ou destruição da coisa alheia, a fim de remover perigo iminente (arts. 1.519 e 1.520).

Parágrafo único. Neste último caso, o ato será legítimo, somente quando as circunstâncias o tornarem absolutamente necessário, não excedendo os limites do indispensável para a remoção do perigo.

Anexo 5

Clube da esquina

“Aí coroa, libera um tempo pra eu sair de goma e encontrar uns véio numa muvuca por aí. Sossega que não vou voltar chamberlau. Só quero mordê umas cavalas e abraçar uns corpos em algum setor que não tenha mano.”

Para quem parou no tempo dos brotinhos e do bacana, compreender a nova linguagem praticada nos bares, colégios e boates freqüentados basicamente por jovens é um exercício de semiologia. As palavras aparecem e somem com uma rapidez de cometa. O que era dito há dois anos, hoje está totalmente fora de moda.

Mas nem tudo é efêmero no vocabulário das ruas. Algumas gírias conseguem driblar o tempo e se firmar por longos períodos. Legal parece eterna. Jóia, barato, cara, sujou, sacar, manjar, dar um tempo, pintar um lance e o próprio lance também estão entre as que concorrem ao trono do atemporal. Mas balada que é balada não pode se restringir à velharia.

“Gíria é um linguajar desenvolvido entre a moçada, na escola ou nos agitos noturnos”, esclarece o estudante L.H.M., de 18 anos. As palavras pouco convencionais são usadas justamente como diferenciação. A tribo jovem não pode estar enquadrada no ritmo lento da conversa simples e comum que permeia o mundo adulto. “Às vezes os pais não entendem e pedem para a gente explicar”, acrescenta T.M., de 17 anos.

O papo das ruas tem variações. As diferentes ‘raças’ seguem glossários distintos. Rappers, surfistas, skatistas, garotos da classe média, da periferia, gays e outros universos têm cada um sua lista específica de palavras. Mas alguns termos rompem territórios e se espalham por ‘classes’ diversas.

Mordê, chinelo, baranga e muvuca são alguns dos vocábulos que convivem, democraticamente, em diferentes grupos. Outros não têm essa flexibilidade. Enquanto para um jovem de classe média mano quer dizer pé-rapado, para os meninos de periferia é o mesmo que amigo, cara. “E aí mano, tudo bem?” é o mesmo que dizer “E aí sangue bom, ou sangão, ou sangue B”, exemplifica o garoto de rua D.S.

Freqüentador das esquinas da cidade à cata de alguns trocados, o verborrágico D. desfere gírias em quantidade industrial. Habitado com o submundo das ruas, o garoto de 15 anos conhece todos os apelidos dados às drogas mais consumidas. Maconha é bagulho, cocaína é farinha ou *bright*, e *crack* é casca. Douglas se autodenomina manezão ou tiguela porque não usa nenhum tipo de droga.

Anexo 6

A língua maltratada

Como castigam nosso pobre português!

É impressionante como as pessoas falam e escrevem de maneira errada. O bom português até já foi tema de campanha publicitária do McDonald's. Presenciar punhaladas na língua não me assusta tanto. Fico de cabelo em pé ao perceber que as pessoas acham feio falar corretamente. Se alguém usa uma palavra diferente, numa roda de amigos, acaba ouvindo:

– Hoje você está gastando, hein?

Vira motivo de piada. O personagem que fala certinho é sempre o chato nos programas humorísticos. Mesmo em uma cidade como São Paulo, onde a concorrência profissional é enorme, ninguém parece preocupado em corrigir erros de linguagem. Incluem-se aí profissionais de nível universitário. Um dos maiores crimes é cometido contra o verbo haver. Raramente alguém coloca o H. Mesmo em jornais, costumo ler: “Não se sabe a quanto tempo...”.

Outro dia, estava assistindo ao trailer de *Medidas Extremas*. Lá pelas tantas, surge a legenda: “Vou previni-lo”. O verbo é prevenir. No filme *Asas do Amor*, também não falta uma preciosidade. Diz-se que um personagem é ‘mal’. O certo é ‘mau’. Só o demônio é a encarnação do mal, do ponto de vista da gramática. Legendas de filme não deveriam sofrer um cuidado extra? Para se defender, o responsável pelas frases tortas é bem capaz de dizer:

– Deu para entender, não deu?

Errar, tudo bem. O problema é deixar o erro seguir em frente. Mesmo um texto correto corre riscos. Quem lê muitas vezes nem sequer presta atenção. Nunca vou esquecer o que aconteceu numa novela de época. A história se passava durante a Abolição da Escravatura. Lá pelas tantas, o vilão dizia:

– Chutei o balde!

Mas o ator interpretou, de boca cheia:

– Chutei o pau da barraca!

Foi ao ar. Vários jornais fizeram piada. Como usar essa expressão no século passado? O sapo ficou para o autor.

Anexo 6

Novelas de televisão, aliás, tornaram-se um festival de arrasa-língua. Nenhum jovem diz:

– Eu o vi.

Todos preferem:

– Eu vi ele.

Existe um argumento para justificar essa forma de falar. É a necessidade de manter uma linguagem coloquial. Em teatro e televisão, é importante. Os atores devem falar como os personagens que interpretam. Ninguém pode esperar que uma quituteira baiana, por exemplo, use ‘deixe-a’ ou “ofereço-lhe”, como faria uma mestra da literatura. Mas há limites. É uma experiência que vivo na carne, assim como outros autores que conheço. Para manter o tom coloquial sem massacrar a língua, passo horas buscando alternativas. Por exemplo:

– Ontem eu vi a menina.

Só para não cair no hediondo “eu vi ela”. Adianta? Para se sentir à vontade, certos atores crivam o diálogo de horrores. Seria injustiça falar apenas de atores. Há memorandos internos de executivos de arrear. Já tive uma secretária incapaz de soletrar o nome correto de alguns conhecidos. ‘Alcides’, ela escrevia como ‘Aucides’.

Esfaqueiam as palavras até para expressar carinho. Casais chamam o cônjuge de ‘mô’. Amigos se tratam de ‘mermão’. Gente descolada emprega termos ingleses a torto e a direito. Um amigo me disse:

– Encontrei com ela na night.

Era uma maneira de dizer que se cruzaram na noite paulistana. E por aí vai. “Up to date”, “fashion” e uma infinidade de termos tornaram-se essenciais no vocabulário. Ninguém sabe exatamente o que significam, como gíria. As pessoas usam a torto e a direito para dar a impressão de refinamento.

Muita gente passa o dia malhando na academia. Outros conhecem vinhos. Existem gourmets capazes de identificar um raro tempero na primeira garfada. Analistas econômicos são capazes de analisar todas as bolsas do universo. Boa parte acha normal atropelar o português. Descaso com a língua é desprezo em relação à cultura. Será que um dia essa mentalidade vai mudar?

Anexo 7

Texto 1

Famigerado

Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse – o oh-homem-oh – com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saira e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos – coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na espuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingão no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: res-

Anexo 7

pondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

– “Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por esperteza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas – e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

– “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara – evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

– “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...”

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava,

Anexo 7

pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se ri: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São ão, travados assuntos, inseqüentes, como dificuldade. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. E, pá:

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...*”?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

– “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe perguntar a pergunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

– “Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras... E gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?”

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

– *Famigerado?*

– “Sim senhor...” – e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. – *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutra ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até

Anexo 7

então, mumumudos. Mas, Damázio:

– “Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...”

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

– *Famigerado* é inócio, é “célebre”, “notório”, “notável”...

– “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

– Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

– “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

– *Famigerado*? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

– “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

– Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...

– “Ah, bem!...” – soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desaforarê. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: – “Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição...” – e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d’água. Disse: – “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: – “Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não...” Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: – “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca...” Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

Anexo 7

Texto 2

Instruções

1. O trabalho com textos de Guimarães Rosa se beneficia bastante com alguma atividade prévia, um tipo de 'aquecimento' para a leitura do aluno, que geralmente sente dificuldades. Sugerir alguma atividade desse tipo.
2. Criar um roteiro de interpretação para o conto, considerando estes aspectos:
 - a. o trabalho será proposto a alunos da 3ª série do Ensino Médio, com noções de História da Literatura Brasileira;
 - b. o roteiro deve incorporar, em forma de atividades, as reflexões feitas sobre os usos da língua, especialmente as questões relacionadas ao contexto;
 - c. deve-se atender à competência exposta no Texto 3, a seguir, e considerar as observações recortadas dos PCNEM;
 - d. se achar adequado, o grupo pode utilizar no trabalho o Texto 4 deste Anexo.

Texto 3

Trechos dos PCNEM

Compreender as diferenças não pelo seu 'caráter folclórico', mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos, é o princípio para aceitar aquilo que não sabemos. Todas as áreas partilham dessa necessidade de conhecimento. (p. 142)

[...] Os papéis dos interlocutores, a avaliação que se faz do "outro" e a expressão dessa avaliação em contextos comunicativos devem ser pauta dos estudos da língua. (p. 140)

É com a língua que as significações da vida assumem formas de poesia ou da fala cotidiana nossa de cada dia. (p. 140)

Anexo 7

Texto 4

“O que me preocupa e tortura, ao rever as páginas escritas, é a angústia de evitar a chapa, o chavão, a frase feita.” Essa declaração de Guimarães Rosa pretende justificar as revisões constantes a que o escritor submetia seu trabalho, de modo que obras já publicadas sofriam alterações de uma edição para a outra.

É o caso de *Sagarana*, que Rosa só considerou como obra ‘acabada’ na quinta edição.

Veja duas dessas alterações feitas em *Sagarana*:

1. No conto “Sarapalha”:

Até a 2ª edição:

Do colmado dos juncos, irrompe o vôo curto de uma garça; tão ligeiro, que é apenas um movimento branco, riscado no alto, em direção à mata.

A partir da 3ª edição:

Do colmado dos juncos, se estira o vôo de uma garça, em direção à mata.

2. No conto “O burrinho pedrês”:

Até a 3ª edição:

E Juca Bananeira, que dá uma pancada na anca do Belmonte...

A partir da 4ª edição:

E Juca Bananeira, que dá uma palmada na anca do Belmonte...

Anexo 8

Texto 1

Do Projeto de Lei do Deputado Federal Aldo Rebelo

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre o outro se dá pela imposição da língua. [...]

[...] estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como *holding, recall, franchise, coffee-break, self-service* [...]. E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano [...]

Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural – a língua materna –, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? [...]

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. [...]

Deputado Federal Aldo Rebelo, 1999.

Anexo 8

Texto 2

Um projeto de lei

O deputado Aldo Rebelo apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei destinado a defender a língua portuguesa das palavras e expressões que a estão desfigurando.

Entre os bens culturais que um povo possui, a língua que ele fala é, talvez, o mais importante e, sem dúvida, o primeiro com o qual seus cidadãos entram em contato. No meu caso particular, isto é tanto mais verdadeiro na medida em que, sendo escritor, a língua portuguesa é meu instrumento de trabalho. Para mim, o exercício da literatura pode ser um ofício duro, mas é também um jogo esmaltador e indispensável, fascinante, poderoso. Encaro a literatura como missão e festa, ao mesmo tempo; desde muito moço, descobri que ela era o caminho que se abria diante de mim para que eu pudesse enfrentar com alegria a dura mas bela tarefa de viver.

Vem daí o amor profundo, a paixão irreprimível, a relação de carne e sangue que me liga à língua portuguesa. Existem escritores que nascem e se criam falando uma língua e passam a escrever noutra, que aprendem depois de adultos. Para falar com sinceridade, tal fato jamais poderia acontecer comigo. Estou com 73 anos e a cada dia me embrenho mais pelos encantos e encantações da bela língua que os portugueses nos legaram, trazendo-a para o Brasil há 500 anos.

Acho que foi em 1995 que o então presidente de Portugal Mário Soares me deu uma condecoração que muito me orgulha – a da Ordem do Infante Dom Henrique. No momento em que lhe agradei a honraria, ele me convidou a ir a Portugal. Respondi que, não gostando de viajar, nunca saíra do Brasil; mas, que, se, um dia, isto viesse a acontecer, minha preferência seria por Portugal, por

Anexo 8

ser, entre os países da Europa, “o único onde o povo tem o bom senso de falar português”.

Pode-se imaginar, então, como fico preocupado ao ver a língua portuguesa desfigurada, como está acontecendo. Sei perfeitamente (e o deputado Aldo Rebelo sabe também) que um idioma é uma coisa viva e pulsante. Não queremos isolar o português, que, como acontece com qualquer outra língua, se enriquece com as palavras e expressões das outras. Mas elas devem ser adaptadas à forma e ao espírito do idioma que as acolhe. Somente assim é que deixam de ser mostrengos que nos desfiguram e se transformam em incorporações que nos enriquecem. Cito um caso, para exemplificar: no país onde se joga o melhor futebol do mundo, traduziram, e bem, a palavra inglesa goal por ‘gol’. Mas estão escrevendo seu plural de maneira ao mesmo tempo horrorosa e errada, ‘gols’ (e não ‘gôis’, como é exigido ao mesmo tempo pelo bom gosto, pelo espírito e pela forma da nossa língua). Isto num setor em que, para substituir os vocábulos estrangeiros, se adotaram palavras tão boas quanto ‘zaga’, ‘escanteio’, ‘impedimento’ etc. Por tudo isso, mando daqui meu abraço a Aldo Rebelo, dizendo-lhe que, com seu projeto de lei, ele me deu mais uma prova de que fiz bem quando, em 1998, mesmo não morando em São Paulo, assinei um manifesto de apoio à sua candidatura.

Ariano Suassuna,
Folha de S. Paulo, 5/4/2000, p. 1-2.

Anexo 1

Texto 1

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,

sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio, – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...

Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Anexo 1

Texto 2

E agora, José?

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas – ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, por um desses misteriosos acasos que fazem do que viveu já, do que vive e do que ainda não vive, um mesmo nó apertado e vertiginoso de tempo sem medida. Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: “E agora?” Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atónitas. “E agora, José?” Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tónico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente afirmar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

Mas outros Josés andam pelo mundo, não o esqueçamos nunca. A eles também sucedem casos, desencontros, acidentes, agressões, de que saem às vezes vencedores, às vezes vencidos. Alguns não têm nada nem ninguém a seu favor, e esses são, afinal, os que tornam insignificantes e fúteis as nossas penas. A esses, que chegaram ao limite das forças, acuados a um canto pela matilha, sem

Anexo 1

coragem para o último ainda que mortal arranco, é que a pergunta de Carlos Drummond de Andrade deve ser feita, como um derradeiro apelo ao orgulho de ser homem: “E agora, José?”

Precisamente um desses casos me mostra que já falei demasiado de mim. Um outro José está diante da mesa onde escrevo. Não tem rosto, é um vulto apenas, uma superfície que treme como uma dor contínua. Sei que se chama José Júnior, sem mais riqueza de apelidos e genealogias, e vive em São Jorge da Beira. É novo, embriaga-se, e tratam-no como se fosse uma espécie de bobo. Divertem-se à sua custa alguns adultos, e as crianças fazem-lhe assuadas, talvez o apedrejem de longe. E se isto não fizeram, empurraram-no com aquela súbita crueldade das crianças, ao mesmo tempo feroz e covarde, e o José Júnior, perdido de bêbedo, caiu e partiu uma perna, ou talvez não, e foi para o hospital. Mísero corpo, alma pobre, orgulho ausente – “E agora, José?”

Afasto para o lado os meus próprios pesares e raivas diante deste quadro desolado de uma degradação, do gozo infinito que é para os homens esmagarem outros homens, afogá-los deliberadamente, aviltá-los, fazer deles objecto de troça, de irrisão, de chacota – matando sem matar, sob a asa da lei ou perante a sua indiferença. Tudo isto porque o pobre José Júnior é um José Júnior pobre. Tivesse ele bens avultados na terra, conta forte no banco, automóvel à porta – e todos os vícios lhe seriam perdoados. Mas assim, pobre, fraco e bêbedo, que grande fortuna para São Jorge da Beira. Nem todas as terras de Portugal se podem gabar de dispor de um alvo humano para darem livre expansão a ferocidades ocultas.

Escrevo estas palavras a muitos quilómetros de distância. não sei quem é José Júnior, e teria dificuldade em encontrar no mapa São Jorge da Beira. Mas estes nomes apenas designam casos particulares de um fenómeno geral: o desprezo pelo próximo, quando não o ódio, tão constantes ali como aqui mesmo, em toda a parte, uma espécie de loucura epidémica que prefere as vítimas fáceis. Escrevo estas palavras num fim de tarde cor de madrugada com espumas no céu, tendo diante dos olhos

Anexo 1

uma nesga do Tejo, onde há barcos vagarosos que vão de margem a margem levando pessoas e recados. E tudo isto parece pacífico e harmonioso como os dois pombos que pousam na varanda e sussurram confidencialmente. Ah, esta vida preciosa que vai fugindo, tarde mansa que não será igual amanhã, que não serás, sobretudo, o que agora és.

Entretanto, José Júnior está no hospital, ou saiu já e arrasta a perna coxa pelas ruas frias de São Jorge da Beira. Há uma taberna, o vinho ardente e exterminador, o esquecimento de tudo no fundo da garrafa, como um diamante, a embriaguez vitoriosa enquanto dura. A vida vai voltar ao princípio. Será possível que a vida volte ao princípio? Será possível que os homens matem José Júnior? Será possível?

Cheguei ao fim da crónica, fiz o meu dever. “E agora, José?”

José Saramago, *A bagagem do viajante*.
São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 38-40.

Anexo 2

Texto 1

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, Canto III, estrofe 120.
Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d, p. 310.

Texto 2

Inês da terra. Inês do céu. Inês.
Preferida dos anjos. Árdua rota,
conúbio consumado, anteviuvez.
Mas após amplidão sempre remota,
branca existência, face da sem tez.
Ontem forma palpável. Hoje ignota.
Eterna linda Inês, paz, desapego,
porta recriada para os sem-sossego.

Jorge de Lima, *Invenção de Orfeu*, Canto IX –
Permanência de Inês. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d, p. 186.

Anexo 3

Texto 1

Desempregado do Texas levou barra que custava US\$ 1
Americano é condenado a 16 anos por furtar um chocolate

Um homem foi condenado a 16 anos de prisão no Texas (sul dos EUA) após ter furtado uma barra de chocolate.

O desempregado Kenneth Dude Payne, 29, levou sem pagar um chocolate da marca Snickers, que valia US\$ 1, de uma loja da cidade de Tyler em 16 de dezembro do ano passado.

Afirmou que não tinha dinheiro para comprar o chocolate e disse que sabia que o dono da loja não daria a barra se ele pedisse.

A sentença foi proferida em 16 de março, mas o caso só foi divulgado ontem.

O desempregado já tinha outras passagens pela polícia, a primeira delas por ter furtado um pacote de biscoitos, aos 17 anos. Depois, ele também furtou uma caixa de ferramentas e dois cartões de crédito, crimes pelos quais foi condenado a 10 anos de prisão. Estava em liberdade condicional depois de ter cumprido quatro anos e meio de detenção.

“ Eu sei que esse caso parece um pouco patético”, afirmou o promotor Jodi Brown. “Mas a condenação não foi resultado apenas do furto de uma barra de chocolate. Ele foi condenado pelo seu estilo de vida, essencialmente, que ele escolheu aos 16 anos e vem praticando desde então”, disse Brown.

No julgamento, a Promotoria pediu que Payne fosse julgado por “conduta criminoso habitual”, uma tipificação existente no Estado do Texas que estipula uma pena mínima de 16 anos de prisão. Se tivesse sido julgado apenas pelo furto do chocolate, Payne pegaria uma pena máxima de 4 anos. A advogada do desempregado, Linda Altier, afirmou que vai recorrer.

Anexo 3

Texto 2

Dolce vita

Americano é condenado a 16 anos por furtar um chocolate

Era uma paixão que vinha da infância: ele adorava chocolate. Podia comer dez barras de uma só vez, podia comer meio quilo de bombons. Mas, desempregado, não tinha dinheiro para isso. Acabou roubando um Snickers. Foi preso e julgado.

Quando o juiz pronunciou a sentença, sua primeira reação foi de revolta. Dezesseis anos por ter roubado uma barra de chocolate! Que Justiça era aquela? Quem o acalmou foi o guarda que o escoltava:

– Calma, rapaz. Pelo menos agora você vai ter comida todos os dias. E vai ganhar inclusive chocolate.

Ele achou que o homem estava debochando, quis até brigar. Mas o guarda confirmou; chocolate, sim – ele já tinha trabalhado na prisão da cidade e sabia que aquilo era praxe; aos domingos, os prisioneiros recebiam, após o almoço, uma barra de chocolate Snickers. A mesma marca daquele que tinha roubado.

Conformado – pelo menos teria como satisfazer sua paixão – , ele se deixou conduzir para a cadeia. Recebeu o uniforme, passou pelo médico que o examinou e foi levado para a cela. Naquele mesmo dia iniciou-se sua rotina. Tinha sido designado para a lavanderia. Trabalho duro, que ele enfrentou com resignação. Com a mesma resignação enfrentou também a zombaria dos companheiros de prisão. Com um único pensamento: no domingo ele ganharia uma barra de chocolate.

À hora do almoço, no domingo, ele era o primeiro da fila. Recebeu a sua bandeja com a comida – mas nada de chocolate.

– Para você não – disse o chefe da cozinha.

– Por que não?

O homem mostrou um papel assinado pelo médico.

– Está escrito aqui: descobriram que você tem peso do acima normal. Snickers para você, não.

Sem dizer nada, ele foi para a mesa. Mas não pôde comer. Só pensava numa coisa: no túnel que o levaria à liberdade. Um túnel que ele cavaria de qualquer jeito. Nem que levasse dezesseis anos para isso.

Anexo 4

Advogada entra de gaiata no navio

[...] se roubar uma caixa de chocolates e uns doces espanhóis de um supermercado é motivo para ser preso e ter o nome exposto no jornal e na TV, então a que tipo de punição deve ser submetido quem faz qualquer manobra para continuar a prevaricar livremente ou quem usa e abusa da passividade dessa nossa gente acomodada?

O leitor polemista há de dizer que, dias atrás, nos Estados Unidos, um rapaz foi condenado a passar 16 anos atrás das grades por roubar uma barra de chocolate. Nada a ver.

Nos EUA a pena aumenta, e muito, de acordo com as condenações anteriores. Em alguns Estados, por menor que seja o crime, na terceira condenação o sujeito fica passível a ver o sol nascer quadrado *forever*.

Mas o que nos interessa no momento é o que acontece aqui e não acolá. Diante da quantidade de crimes que ocorre nesta cidade desgovernada, dentro e fora do poder, eu gostaria de saber do leitor se ele considera correto o tratamento que a advogada recebeu: é justo ela ter seu nome, o do marido e da escola das filhas divulgados nos jornais e na televisão? É justo enviá-la para o cárcere em vez de cobrar uma fiança e deixá-la ir para casa? Ou será que essa senhora, que se manteve calma durante todo o depoimento na delegacia, representa algum perigo para a sociedade e pode colocar a vida de alguém em risco?

Em vez de dar *show* de demagogia com a advogada, só porque ela dirige um Mitsubishi e suas filhas estudam em colégio tradicional, por que a polícia não trata de fazer uma devassa na favela Paraguai e prende os traficantes que expulsaram quase todas as famílias do local? Ora, se a maioria das famílias foi embora, será que os criminosos não estão entre os que ficaram? Estamos até a tampa com criminosos de colarinho branco, que também dirigem carros importados. Mas não é indo à desforra contra ladrões de galinhas ou de chocolates que a gente vai ficar quite.

Anexo 5

Todos conhecem a história de Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault. Os textos a seguir retomam a velha história.

Texto 1

História malcontada

A história de Chapeuzinho Vermelho sempre me pareceu mal contada e não há esperança de se conhecer exatamente o que se passou entre ela, a avozinha e o lobo.

Começa que Chapeuzinho jamais chegaria depois do lobo à choupana da avozinha. Ela vencera na escola o campeonato infantil de corrida a pé, e normalmente não andava a passo, mas com ligeireza de lebre. Por sua vez, o lobo se queixava de dores reumáticas, e foi isto, justamente, que fez Chapeuzinho condoer-se dele.

Estes são pormenores da versão da história, ouvida por Tia Nicota, no começo do século, em Macaé. Segundo ali se dizia, Chapeuzinho e o Lobo fizeram boa liga e resolveram casar-se. Ela estava persuadida de que o lobo era um príncipe encantado, e que o casamento o faria voltar ao estado natural. Seriam felizes, teriam gêmeos. A avozinha opôs-se ao enlace, e houve na choupana uma cena desagradável entre os três. O lobo não era absolutamente príncipe, e Chapeuzinho, unindo-se a ele, transformou-se em loba perfeitada, que há tempos ainda uiva à noite, nas cercanias de Macaé.

Carlos Drummond de Andrade, "História malcontada", in *Contos plausíveis*.
Rio de Janeiro, José Olympio, 1985, p. 84.
Carlos Drummond de Andrade © 1988 Graña Drummond.

Texto 2

A verdadeira dialética

aí os caçadores chegaram
mataram o lobo e abriram a barriga
e encontraram a vovozinha
toda mastigadinha
quanto a chapeuzinho vermelho
eles comeram

Sebastião Uchoa Leite,
in *Obra em dobrás*, "Col. Claro Enigma".
São Paulo, Duas Cidades, 1988, p. 73.

Anexo 6

ATIVIDADES PARA O GRUPO 1

Texto 1

O folhetim

De início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chausée* – rés-do-chão, rodapé –, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço destinado ao entretenimento. [...] Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza [...]

E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas. [...]

Lançando a sementeira de um *boom* lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. [...] Já pelos fins de 1836, a fórmula ‘continua amanhã’ entrou nos hábitos e suscita expectativas. Falta ainda fazer o romance ad hoc que responda às mesmas, adaptado às novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando. No começo da década de 1840 a receita está no ponto, é o filé *mignon* do jornal, grande isca para atrair e segurar os indispensáveis assinantes. Destinado de início a ser uma outra modalidade de folhetim, o então chamado folhetim-romance vai se transformar no *feuilleton tout court*.

Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance.

Anexo 6

Texto 2

Em uma situação de ensino, a análise da origem de gêneros e tempos, no campo artístico, permite abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual. (PCNEM, p. 129)

Tarefa

1. Escolher uma telenovela que esteja fazendo sucesso no momento.
2. Traçar um plano de trabalho para sala de aula, partindo da reflexão transcrita no Texto 2.
3. O trabalho deve prever a comparação da telenovela com o folhetim e o objetivo final é que o aluno consiga identificar, comentar e analisar o porquê da **intertextualização de um gênero** tão tradicional feita por um suporte novo – a televisão e sua linguagem. O plano de trabalho deve dar destaque sobretudo a dois aspectos da reflexão: a questão do **tempo histórico** e o **papel dos interlocutores** no campo artístico.

Anexo 7

ATIVIDADES PARA O GRUPO 2

1. Leia esta questão, apresentada no Enem de 1999.

Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens já lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem a denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

I. *Quando nasci, um anjo torto*

Desses que vivem na sombra

Disse: Vai, Carlos! Ser 'gauche' na vida

(ANDRADE, Carlos Drummond de.
Alguma poesia. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964)

II. *Quando nasci veio um anjo safado*

O chato dum querubim

E decretou que eu tava predestinado

A ser errado assim

Já de saída a minha estrada entortou

Mas vou até o fim.

(BUARQUE, Chico. *Letra e Música*. São Paulo,
Companhia das Letras, 1989)

III. *Quando nasci um anjo esbelto*

Desses que tocam trombeta, anunciou:

Vai carregar bandeira.

Carga muito pesada pra mulher

Esta espécie ainda envergonhada.

(PRADO, Adélia. *Bagagem*.
Rio de Janeiro, Guanabara, 1986)

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade, em relação a Carlos Drummond de Andrade, por:

- reiteração de imagens.
- oposição de idéias.
- falta de criatividade.
- negação dos versos.
- ausência de recursos.

Anexo 7

2. Identifique o que há de comum entre o objetivo dessa questão e esta competência expressa nos PCNEM:

Relacionar os discursos com contextos sócio-históricos, ideologias, simulacros e pensar os discursos em sua intertextualidade podem revelar a diversidade do pensamento humano. (p. 140)

3. Considere os pré-requisitos para responder corretamente à questão, baseando-se nas alternativas fornecidas. Leve em conta gênero, conteúdo, tom do intertexto e conceito de imagem.
4. A partir dessa análise, identifique o grau de dificuldade da questão para seus alunos que estão concluindo o Ensino Médio.

Anexo 8

ATIVIDADES PARA O GRUPO 3

1. Veja o quadro e leia o poema de Drummond inspirado na tela.



A cigana adormecida,
de Henri Rousseau.

Poema de Drummond

Para te acordar
do sono profundo
disfarço-me: em leão
que ao te roçar
esquece a missão.

Carlos Drummond de Andrade,
in *Arte em exposição*.
Rio de Janeiro, Record/Salamandra, 1990, p. 81.
Carlos Drummond de Andrade © 1988 Graña Drummond.

Anexo 8

2. Leia este texto:

Há uma “diversidade de vozes” em um mesmo texto. [...] Uma entoação de voz pode transformar o sentido de um texto. A simples inversão de um adjetivo modifica o significado de uma frase. O texto literário se apropria desse jogo do possível com maestria. A propaganda faz o mesmo. (PCNEM, p. 142)

- 3.** Assim como há uma entoação ou entonação de voz na leitura de um texto, podemos falar em uma entoação ou entonação de uma época. Valendo-se da comparação entre o texto e o quadro, que estratégia(s) poderia(m) ser utilizada(s) para demonstrar ao aluno que “uma entoação de voz pode transformar o sentido de um texto”?
- 4.** Indique uma obra do campo das artes plásticas que possa dialogar com um texto da literatura brasileira, a sua escolha. Se possível, faça essa montagem e apresente-a para o grupo.

Anexo 9

ATIVIDADES PARA O GRUPO 4

Texto 1

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência
Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!

(O poema está datado: Lisboa, 1857)

Casimiro de Abreu, in Magaly Trindade Gonçalves et al (org.),
Antologia de antologias. São Paulo, Musa, 1995, p. 222.

Texto 2

Meus oito anos

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais.

Oswald de Andrade, In *Obras completas*.
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, v. 7, p. 162.

Anexo 9

Texto 3

Em 1982 encenou-se a peça *A aurora da minha vida*, do dramaturgo Naum Alves de Souza. O crítico Sábato Magaldi viu a peça desta forma:

“Naum teve o cuidado de pesquisar os poemas antológicos transmitidos na escola, bem como os hinos de diferentes inspirações, encarregados de moldar a personalidade. [...] O espectador ri o tempo inteiro, estimulado ainda, talvez pelo reconhecimento de passagens semelhantes em sua biografia.”

Tarefa

1. Considere os trechos seguintes dos PCNEM e os objetivos neles explícitos ou implícitos:

No Parecer do CNE, destaca-se a questão da formação ética, estética e política na e pela língua, vista como formadora de valores sociais e culturais. (p. 138)

Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial. (p. 145)

2. Utilizando os textos e a informação sobre a peça teatral, elabore um exercício que privilegie o estudo da intertextualidade, de forma que os objetivos expostos acima sejam atingidos.

Anexo 10

ATIVIDADES PARA O GRUPO 5

1. Leia esta passagem dos PCNEM:

Tomemos como exemplo um acontecimento escolar. A professora ensinou que “azul, verde, branco, as cores em geral” eram adjetivos e solicitou que os alunos construíssem frases com as palavras. Um dos alunos escreveu: “O azul do céu é bonito. O branco significa paz etc”. Logicamente, um X foi colocado sobre as frases. O porquê, o aluno nunca soube. (p. 137)

2. Numa sala de aula, o professor ensinou que paródias são textos dotados de humor e exemplificou com a seguinte letra de música, sem revelar o texto gerador da paródia:

Mamãe Coragem

Caetano Veloso e Torquato Neto

Mamãe, mamãe não chore
A vida é assim mesmo eu fui embora
Mamãe, mamãe não chore
Eu nunca mais vou voltar por aí
Mamãe, mamãe não chore
A vida é assim mesmo eu quero mesmo é isto aqui
Mamãe, mamãe não chore
Pegue uns panos pra lavar, leia um romance
Veja as contas do mercado, pague as prestações
Ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos
Seja feliz, seja feliz
Mamãe, mamãe não chore.

3. Este é o texto gerador da paródia:

Ser mãe

Coelho Neto

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração! Ser mãe é ter no alheio
lábio que suga, o pedestal do seio,
onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.
Ser mãe é ser um anjo que se libra
sobre um berço dormindo! É ser anseio,
é ser temeridade, é ser receio,
é ser força que os males equilibra!

In Magaly Trindade Gonçalves et al (org.),
Antologia de antologias. São Paulo, Musa, 1995, p. 336.

4. Alguns alunos, que não conheciam o texto gerador da paródia, confessaram não ter identificado qualquer traço de ironia ou humor.
5. Crie um exercício para tentar recuperar para os ‘alunos’ a intenção do texto de Caetano e Torquato Neto.

Anexo 11

O espaço da Língua Portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos. (PCNEM, p. 144 – grifo nosso)

O trecho destacado pode ser uma boa síntese do que se pretende com o trabalho de intertextualidade: o aluno se conscientizar de sua condição de um intertexto vivo, capaz de referendar, citar, parafrasear os discursos estabelecidos ou negociar sentidos, desmontá-los, sempre criando intertextos novos, num exercício constante de diálogo (a que os PCN chamam de ‘jogo comunicativo’), em que a identidade de cada um se instaure a partir da herança social e cultural comum.

No mundo globalizado, esses intertextos, por sua vez, se inserem num hipertexto a que a escola deve garantir, ao mesmo tempo, acesso e condição de preservação da marca histórica, social e individual de seus alunos.

Nos PCNEM essa idéia está referendada:

O ponto de vista, qualquer que seja, é um texto entre textos e será recriado em outro texto, objetivando a socialização das formas de pensar, agir e sentir, a necessidade de compreender a linguagem como parte do conhecimento de si próprio e da cultura e a responsabilidade ética e estética do uso social da língua materna. (p. 144)

Anexo 1

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de português: saber se eu considerava o estudo da gramática indispensável para aprender ou usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabela diariamente com as suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão”! “Culpa da revisão”!). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com a Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa.[...] É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a gramática na certa se devia à

Anexo 1

minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas – isto eu disse – vejam vocês, a intimidade com a gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar de minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que os outros já fizeram com elas. Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quando um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.

Luis Fernando Verissimo, *O gigolô das palavras*
(crônicas selecionadas e comentadas por Maria da Glória Bordini).
4. ed., Porto Alegre, L & PM, 1982, pp. 10-12.

Anexo 2

Quarto de despejo

[...] Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem de meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.

[...] Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja falta para o essencial. O que eu reprovo nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber. E diz:

– Ele tem lumbriga.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. 2. ed., São Paulo, Ática, 1995, pp. 17-18.

Observação

O livro *Quarto de despejo* foi produzido a partir de cadernos em que uma favelada, que vivia de catar papéis, anotava seu dia-a-dia. Enquanto fazia uma matéria na favela do Canindé, o jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina Maria de Jesus, que lhe mostrou vinte cadernos encardidos que guardava em seu barraco. Dos textos, selecionados, ficaram os recortes mais significativos. O jornalista afirma: “Mexi na pontuação assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha”.

Anexo 3

Texto 1

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Oswald de Andrade, in *Literatura comentada*.
São Paulo, Abril Educação, 1980, pp. 22-3.

Texto 2

Certos casos da política, de tão inacreditáveis, acabam virando parte do anedotário. Ou vice-versa: algumas piadas traduzem tão bem determinadas características da cultura política, que assumem ares de verdade.

Em uma das hipóteses se encaixa a correspondência trocada, cerca de 20 anos atrás, entre o prefeito de Bom Sucesso (MG) e o então secretário estadual do interior, Ovídeo Abreu.

Conta o deputado Elias Murad (PSDB-MG) que Abreu sempre gostou de falar difícil. Numa certa ocasião, o secretário recebeu a informação de que Bom Sucesso (MG) sofreria um tremor de terra capaz de quebrar copos e trincar pratos. Preocupado, expediu rapidamente um telegrama ao prefeito: "Movimento sísmico previsto essa região. Provável epicentro movimento telúrico sua cidade. Obséquio tomar providências logísticas cabíveis".

O secretário esperou ansioso pela resposta. Quatro dias depois chegava o telegrama do prefeito: "Movimento sísmico debelado. Epicentro preso, incomunicável, cadeia local. Desculpe demora. Houve terremoto na cidade".

Folha de S. Paulo, 24/11/1992, p. 1-4

Anexo 4

Roteiro para discussão dos textos

1. Os dois textos anteriores trabalham com as diferenças entre norma culta e coloquialismo. Essas diferenças, quando surgem em sala de aula, são geralmente utilizadas pelos alunos para questionar o ensino da gramática. Como se poderia conduzir essa discussão com os discentes? Um relator anota as conclusões do grupo.
2. O poema de Oswald de Andrade foi escrito na época do Modernismo. Apesar de até hoje se considerar o rigor na colocação pronominal como um dos requisitos para o bem escrever, pouca gente obedece às regras da gramática normativa nesse particular. O grupo formula explicações para os dois fatos:
 - a. a ocorrência constante dessas infrações;
 - b. o motivo da valorização desse item da gramática normativa.
3. Ao comentar o Texto 2, considerar este trecho dos PCNEM:

[...] a interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo. (p. 139)
4. No Texto 2, a linguagem utilizada pelo secretário do Interior é vista como típica da cultura política. Sabemos, no entanto, que procurar falar difícil não é uma exclusividade dos políticos. Que diferença fundamental há entre “respeitar a norma culta” e “falar difícil”?

Anexo 5

Uma revolução linguística*

O computador está conseguindo o que os burocratas não querem: revolucionar a língua

Leia o título de novo. Eu sei que ele está errado – falta acento, falta trema, falta cedilha, mas... você entendeu. Não entendeu? Vamos encarar os fatos: a língua portuguesa não morreu. Mas começa a cheirar mal. Esqueça se ela é bonita, ou se é rica, ou se é autêntica. Esqueça as emoções, esqueça o nacionalismo irracional que nos implantam desde que nascemos. Em termos bem práticos – para que serve a língua portuguesa, agora? Já temos uma presença geográfica limitada: Portugal, Cabo Verde, Angola. A desagregação de Moçambique faz com que cada vez mais moçambicanos adotem o inglês da vizinha República Sul Africana. Timor, que fazia as honras da língua portuguesa na Ásia, foi destruída pela truculência indonésia. Ah, temos Macau, ainda, mas se nem Hong Kong resistiu...

E o Brasil? Todos sabemos o que está acontecendo: ao lado da língua oficial convive uma língua paralela, o inglês. O que deveria ser motivo de comemoração (ter uma população parcialmente bilíngüe) é considerado uma vergonha nacional. Os intelectuais de sempre aparecem para denunciar que a cultura brasileira está sendo devorada pelo “imperialismo” e precisa ser salva, se possível por alguma repartição pública. O que esses intelectuais não entendem, e jamais entenderão, é que a história da linguagem humana obedece a leis naturais e dinâmicas. O inglês tornou-se a língua planetária, entre outras coisas, porque é objetiva, simples, econômica.

E o português? Nossos filhos passam alguns de seus mais produtivos anos escolares decorando uma língua que jamais falarão. Uma língua prolixa ao extremo, que conjuga seus verbos em um zilhão de modos diferentes. É um mastodonte atolado em regras, fragilizado num ecossistema cada vez mais hostil. Pense no espanhol. Eu tive um sinal de que o espanhol sobreviveria quando vi Arnold Schwarzenegger dizendo “Hasta la vista, baby”, em Terminator-2. Enquanto os franceses se negam a falar outra coisa que não seja o francês (ridículas leis impedem chamar um hambúrguer de hamburger), os hispânicos relaxam e o espanhol está mais forte.

* Quando este artigo foi publicado, os programas de texto empregados no e-mail não apresentavam alguns recursos gráficos de nossa língua, como acentos e cedilha. Atualmente, esse problema já não existe.

Anexo 5

A BBC World mostrou uma reportagem curiosa sobre o nascimento de uma nova língua – o spanglish. As pessoas passavam do inglês para o espanhol e vice-versa com toda a naturalidade. Nada de leis protecionistas. A língua, como o computador e o carro, é apenas um instrumento a serviço do homem. E não um objeto de culto religioso.

Aliás, o que tem a ver esse papo todo sobre lingüística com uma revista de informática? Acontece que, ou a língua portuguesa muda radicalmente, ou entra em coma. E essa revolução não pode ficar nas mãos de acadêmicos e burocratas da língua. Como qualquer mudança verdadeira, deve ser espontânea e com objetivos muito práticos. Essa revolução está nascendo – e o fórceps chama-se e-mail. Por razões técnicas, trocar mensagens por e-mail usando o português “correto” é arriscado. O software do outro lado pode reconhecer a floresta de acentos e sinais gráficos – ou não. O “ã” que você envia pode chegar do outro lado como um símbolo gráfico completamente irreconhecível. Os “á”, “à”, “ê”, “ç”, “ü” podem virar “γ”, “δ”, “Ο”, “Φ” ou “Σ”.

A saída para não mandar uma mensagem truncada e incompreensível é não arriscar. E simplesmente escrever sem qualquer acento. Como na língua inglesa, o significado da palavra será reconhecida no contexto da frase. Achar que o leitor não vai entender que “revolucao” quer dizer “revolução” é chamar o leitor de estúpido. Ou estúpido. Qual a diferença? Ou diferença? Regras existem para alguma coisa. Assim é para a língua, assim é para a Constituição. O e-mail veio para ficar, e já está ajudando a tentar tirar a língua portuguesa da UTI da História. A própria lógica objetiva da informática está exigindo que brasileiros aprendam noções básicas de inglês. “Setup” será sempre uma palavra mais fácil de se dizer e usar do que “configuração”, assim como “download” é mais simples e direta do que “importar arquivos através da linha telefônica”. Estamos caminhando para um portuglish, uma mistura dinâmica de português com inglês, e nossa cultura só tem a ganhar com isso. Caminhamos também para um português mais objetivo, mais simples, mais adaptado aos novos tempos. Para os guardiões da tradição, é uma péssima notícia. Para o resto de nos, nao.

Anexo 6

1. Refutar, por meio de argumentos científicos, as afirmações do jornalista a respeito de língua e gramática.
2. De que forma a informação da nota de rodapé neutraliza a argumentação do jornalista?
3. Partindo da síntese das respostas anteriores, cada grupo formula um exercício para seus alunos, tendo como objetivo conscientizá-los destes dois princípios:
 - a. a língua funciona como [...] “integradora da organização do mundo e da própria identidade”. (PCNEM, p. 144)
 - b. a língua, na sua atualização, “representa e reflete a experiência em ação, as emoções, desejos, necessidades, a visão de mundo, valores, pontos de vista”. (PCNEM, p. 143)
4. O exercício deverá empregar, necessariamente:
 - I. Pelo menos dois destes segmentos do texto de Marchezzi:
 - a. **Uma revolução linguística**

Leia o título de novo. Eu sei que ele está errado – falta acento, falta trema, falta cedilha... mas você entendeu. Não entendeu? Vamos encarar os fatos: a língua portuguesa não morreu. Mas começa a cheirar mal. Esqueça se ela é bonita, ou se é rica, ou se é autêntica. Esqueça as emoções, esqueça o nacionalismo irracional que nos implantaram desde que nascemos. Em termos bem práticos – para que serve a língua portuguesa agora?
 - b. A língua, como o computador e o carro, é apenas um instrumento a serviço do homem.
 - c. O inglês tornou-se a língua planetária, entre outras coisas, porque é objetiva, simples, econômica.

II. Esta capa de revista



Veja, 26/4/2000.

Anexo 6

III. Um destes textos:

a. Fragmento de romance:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu? onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

José de Alencar, *Iracema*. São Paulo, Ática, 1992, p. 16.

b. Letra de música:

Iracema voou

Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
Tem saído ao luar
Com um mímico
Ambiciona estudar
Canto lírico
Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará
Mas não muita
Uns dias, afoita
Me liga a cobrar:
– É Iracema da América.

Chico Buarque de Holanda, *As cidades*, 1998.

Anexo 7

Texto 1

A língua de que usam, toda pela costa, é uma [...] Alguns vocábulos há nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei e desta maneira vivem desordenadamente...

Pero de Magalhães Gandavo,
História da Província de Santa Cruz. Século XVI.

Observação

O comentário sobre a língua dos indígenas acaba produzindo, erroneamente, um juízo de valor sobre a organização social dos mesmos. Muitas vezes a raiz do preconceito reside nesse tipo de relação.

Texto 2

Fala de Cirino, personagem do romance *Inocência*, do Visconde de Taunay, publicado pela primeira vez em 1872:

“Agora, amigo meu, disse o moço depois de pequena pausa, estou às suas ordens. Podemos ver a sua doentinha e aproveitar a parada da febre *para mim** atalhá-lha de pronto. Em tais casos, não gosto de adiamentos.”

* É este erro comum no interior de todo o Brasil e sobretudo nas províncias de São Paulo, onde pessoas até ilustradas nele incorrem com frequência. (Nota de Taunay)

No texto, esta e muitas outras ocorrências que registram a fala do sertanejo vêm em itálico, algumas comentadas pelo próprio autor.

Anexo 7

Texto 3

Fragmento de entrevista da cantora Fernanda Abreu para a *Folha de S. Paulo*

Folha E você pretende levar sua produção para esse pessoal, fazendo shows, por exemplo, em clubes funk?

Fernanda Sem dúvida. Quero fazer um show agora na quadra da Império Serrano. O bacana é esse crossover (fusão). O cara da favela cantar “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci”, tá tudo limpo. Agora, a menina do condomínio da Barra da Tijuca cantar isso é que é bacana. Tem gente que fala: “Pô, como é que você pode achar legal o funk carioca, neguinho que fala errado o português?”. [...]

Folha de S. Paulo, 27/11/1995,
p. 6-5 (grifo nosso).

Texto 4

Carta de leitor para a “Revista da Folha”

Yankees go home!

Cerca de 95% das placas e anúncios ostentam palavras em inglês. Cerca de 95% das camisetas, idem. Enfim, é inglês por toda a parte. Será que é por isso que cerca de 95% dos brasileiros não sabem português?

“Revista da Folha”, *Folha de S. Paulo*,
23/11/1997, última página (grifo nosso).

Anexo 8

Texto 1

Texto de aluno (ficcional):

Quando já estava na hora dela voltar e nada aconteceu, ficamos preocupados.

O professor assinalou a construção “dela voltar” e fez a correção: “de ela voltar”.

Texto 2

Era capaz dela ficar com pena e mandar até mais do que manda. Só que não tenho coragem de arriscar...

Jorge Amado, *Tieta do Agreste*.
Rio de Janeiro, Record, 1977, p. 23 (grifo nosso).

Texto 3

Sacchi definiu o seu atleta como “excepcional” e não quis discutir a possibilidade dele ficar fora da final.

Folha de S. Paulo, 14/7/1994. p. 4-8 (grifo nosso).

Texto 4

A preposição que rege o sujeito de um infinitivo não deve combinar com esse sujeito. Assim, estão incorretas construções como “É hora do almoço estar pronto” (É hora de o almoço estar pronto); “Não há necessidade deles irem agora” (Não há necessidade de eles irem agora).

Regra preservada pela gramática normativa.

Texto 5

A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa-de-força incompreensível. (PCNEM, p. 137)

Texto 6

O estudioso Mário Perini, em *Gramática descritiva do Português*, afirma que o professor de gramática não deve ser “dispensado da formação científica que se exige de um professor de biologia ou de psicologia [...]”, mas que “é definitivamente necessário conceber a gramática como uma disciplina viva, em revisão e elaboração constante” (pp. 16-17).

Anexo 1

Texto 1

Com *Urupês*, publicado originalmente no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1914, Monteiro Lobato lançava seu personagem mais famoso: o Jeca Tatu, estereótipo do anti-herói anêmico e derrotado, que criou raízes em nosso imaginário, tornando-se sinônimo de homem rural. Era uma resposta a outra imagem pré-republicana: a do homem rural aventureiro e livre.

Texto 2

jeca: [F. red. de *jeca-tatu*.] Bras. S. 2 g. 1. V. caipira (1). Adj. 2 g. 2. V. caipira (3, 4 e 5). 3. P. ext. V. cafona (1).

[De or. controvertida; tupi, poss.]

caipira: 1. Bras. S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [Sin., sendo alguns regionais: araruama, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba ou biriva, botocudo, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cafumango, caiçara, cambembe, camisa, canguaí, canguçu, capa-bode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, cariazal, casaca, casacudo, casca-grossa, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, jeca, jacu, macaqueiro, mambira, mandi ou mandim, mandioqueiro, mano-juca, maratimba, mateiro, matuto, mixanga, mixuango ou muxuango, mcorongo, moqueta, mucufo, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, queijeiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeba ou urumbeva.

2. S. m. [...] Bras. Diz-se do caipira (1); biriba ou biriva, matuto, sertanejo. 3. Bras. Pertencente ou relativo a, ou próprio de caipira (1); biriba ou biriva, jeca, matuto, roceiro, sertanejo. 4. Bras. Diz-se do indivíduo sem traquejo social; cafona, casca-grossa. 5. Bras. Diz-se das festas juninas e do traje típico usado nessas festas. [Cf. (nas acepç. 1, 3, 4 e 5) provinciano.]

Anexo 2

Texto 1

Jeca Total

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Presente, passado, representante da gente no Senado,
Em plena sessão, defendendo um projeto que eleva o teto
Salarial no sertão.

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Doente curado, representante da gente na sala,
Defronte da televisão, assistindo Gabriela viver tantas cores,
Dores e emancipação.

Jeca Total deve ser Jeca Tatu,
Um ente querido, representante da gente no Olimpo
Da imaginação, imaginacionando o que seria a criação
De um ditado, dito popular, mito da mitologia brasileira:
Jeca Total.

Jeca Total deve ser Jeca Tatu,
Um tempo perdido... interessante a maneira do tempo ter perdição,
Quer dizer, se perder no correr, decorrer da história, glória,
Decadência, memória, era de aquarius ou mera ilusão.

Gilberto Gil, em *Refazenda*.

Observação

Notar o significado conotativo do título do disco que inclui essa música: *Refazenda*.

Texto 2

A rede imaginária (símbolos, mitos, alegoria...) possibilita-nos observar a vitalidade histórica das criações dos sujeitos — isto é, o uso social das representações e das idéias. Os símbolos revelam o que está por trás da organização da sociedade e da própria compreensão da história humana.

Dênis de Moraes, revista *Contracampo* n. 1,
julho/dezembro de 1997. Versão on-line.

Anexo 2

Texto 3

Toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, as relações de autoridade, o dialogismo entre textos e o diálogo fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal. (PCNEM, p. 143)

Anexo 3

Texto 1



Ziraldo, in "A turma do Pererê",
Almanaque n. 1.
 São Paulo, Abril, s/d, p. 82.

Texto 2

I-Juca Pirama

Da tribo pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci:

Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do Norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi.

Gonçalves Dias,
 trecho do Canto IV de "I-Juca Pirama".

Texto 3

brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
 E perguntou pro guarani da mata virgem
 – Sois cristão?
 – Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
 Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
 Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
 O negro zonzo saído da fornalha
 Tomou a palavra e respondeu
 – Sim pela graça de Deus
 Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
 E fizeram o Carnaval.

Oswald de Andrade, in *Poesias reunidas*. 5.ed.
 Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, pp. 169-170.

Anexo 4

Texto 1

O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: — “Não, perdão meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

– Meu senhor! gemia o outro.

– Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

– É sim, nhonhô.

– Fez-te alguma cousa?

– É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

– Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

– Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraço. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Anexo 4

Texto 2

A seguir, trechos selecionados de um longo artigo de Roberto Pompeu de Toledo que trata da escravidão.

O Brasil é um país fundado sobre o trabalho forçado e o comércio de gente. Como foi isso? E o que tem a ver conosco, hoje?

Eles estavam por toda parte. Na lavoura, nas cidades. Dentro de casa, nas senzalas, fugidos no mato. Prestando serviços nas grandes cidades, como Rio de Janeiro e Salvador: vendendo água, comida, panelas, miçangas, badulaques. Exercendo ofícios especializados, como conta um observador da vida brasileira do século passado, o francês Jean-Baptiste Debret: "...o oficial de barbeiro no Brasil é quase sempre um negro ou pelo menos escravo. Esse contraste, chocante para o europeu, não impede ao habitante do Rio de entrar com confiança numa dessas lojas, certo de aí encontrar numa mesma pessoa um barbeiro hábil, um cabeleireiro exímio, um cirurgião familiarizado com o bisturi e um destro aplicador de sanguessugas."

Eles eram carregadores, também. "Carregavam tudo nesse Brasil, onde homens de qualidade se recusavam a levar o mais ínfimo pacote", escreve a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, no livro *Negros, Estrangeiros*.

[...] O Brasil teve três séculos e meio de regime escravocrata, contra apenas um de trabalho livre. Três e meio para um! Ao longo desses três séculos e meio, importou 4 milhões de negros africanos, 40% das importações totais das Américas, numa das mais volumosas operações de transferência forçada de pessoas havidas na História. Este é um país formado na concepção de que trabalho é algo que se obriga outro a fazer e pessoas humanas são mercadorias.

[...] A massa dos escravos, que o senso comum costuma imaginar homogênea e até, nas visões mais românticas, solidária, era diversa e abrigava conflitos em seu seio. Em muitos episódios, emer-

Anexo 4

giu o conflito entre crioulos e africanos. Em 1789 houve um levante de escravos na Fazenda Santana, em Ilhéus, Bahia, notável porque os negros amotinados deixaram um documento contendo suas reivindicações ao proprietário, Manuel da Silva Ferreira. "Meu senhor, nós queremos paz, e não queremos guerra", começa o documento. Em seguida os revoltosos, que durante dois anos conseguiram manter-se escondidos no mato, pedem desde a permissão para trabalhar em suas próprias roças, nas sextas-feiras e nos sábados, até a liberdade de "brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça e nem seja preciso licença". Mas eles também não querem "fazer camboas e mariscar", e dizem ao senhor: "Quando quiser fazer camboas e mariscar, mande os seus pretos Minas". Tratava-se de uma rebelião de crioulos, e eles estavam pouco se importando com a sorte dos "pretos minas", nome genérico dos africanos caçados na Costa da Mina, na África Ocidental. [...]

Roberto Pompeu de Toledo,
in *Veja*, 15/5/1996, pp. 52-5.

Texto 3

Três expressões de uso comum na linguagem cotidiana:

- a. "Vou-me embora pra Pasárgada."
- b. "E agora, José?"
- c. "Agora Inês é morta."

Texto 4

Os modos de apreciação e produção dos objetos artísticos integram a área, na perspectiva de recuperar, pelo seu estudo, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, patrimônios representativos da cultura, preservados no eixo temporal e espacial, manifestos em linguagens que detêm estatutos e códigos próprios, como a música, a pintura, a dança etc., incluindo-se aí a literatura. (PCNEM, p. 192, "Rumos e desafios")

Anexo 5

Texto 1

O provérbio é a designação genérica dos ditos cristalizados que exprimem, em geral metaforicamente, uma verdade ou resumem uma experiência. É uma sentença independente e de sentido completo, que direta ou indiretamente expressa um pensamento, uma experiência, uma regra, uma norma, uma advertência, um conselho. São características dos provérbios, quanto ao conteúdo, a sua formulação abstrata, isto é, não referida a nenhum caso particular, e a sua validade é universal, sem distinção de lugar e tempo.

A característica precípua dos provérbios é o anonimato da sua autoria – excetuando-se os provérbios bíblicos. É lexicalizado, isto é, dicionarizado, parte do inventário da língua. É também sintaticamente autônomo – surge no discurso sob forma canônica, cristalizada, fixa, que não muda, congelada, petrificada. É discursivamente autônomo – a sua aparição independe de uma mudança conversacional. Considerado fora do discurso, o provérbio possui um valor de verdade geral. A metáfora é uma estratégia. O provérbio é uma estratégia para se lidar com uma situação.

Já as frases feitas são dizeres, expressões comuns aos falantes de uma língua. Se ouvirmos uma dessas frases isoladamente, fora do contexto, somos capazes de recriar a situação em que se insere, como nos exemplos acima.

Texto adaptado de Ana Maria M.S. Vellasco,
in <http://www.utas.edu.au/docs/flonta/DPbooks/VELLASCO/BRASILEIRO.html>

Anexo 5

Texto 2

Bom conselho

Ouçá um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade.

Chico Buarque de Holanda

Anexo 6

Texto 1

Da carta de Caminha:

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvesmos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. [...] De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. [...] Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-as aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Texto 2

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros...

José de Alencar, *Iracema*.
São Paulo, Ática, 1992, cap. 1, p. 15.

Texto 3

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

[...]

Gonçalves Dias

Texto 4

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e 'desconstrói' significados sociais. (PCNEM, p. 35 – grifo nosso)

Anexo 7

Texto 1

Bronislaw Baczko assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.

Dênis de Moraes, revista *Contracampo*, n. 1, julho/dezembro de 1997. Versão on-line.

Texto 2

Trechos dos PCNEM

Recuperar, pelo estudo literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial. (p. 145)

[...] toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, preña de significações que vão além do seu aspecto formal. (p. 126)

Compreender as diferenças não pelo seu 'caráter folclórico', mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos. (p. 142)

[...] o exame do caráter histórico e contextual de determinadas manifestações da linguagem pode permitir o entendimento das razões do uso, da valoração, da representatividade, dos interesses sociais colocados em jogo, das escolhas de atribuição de sentidos... (p. 126)